

# Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



## FRASE

“Pegar bem não pegou”

(Do vice-presidente Michel Temer, em viagem oficial à Espanha, sobre os desvios de dinheiro por diretores da Petrobras)

## De como engolir sapos

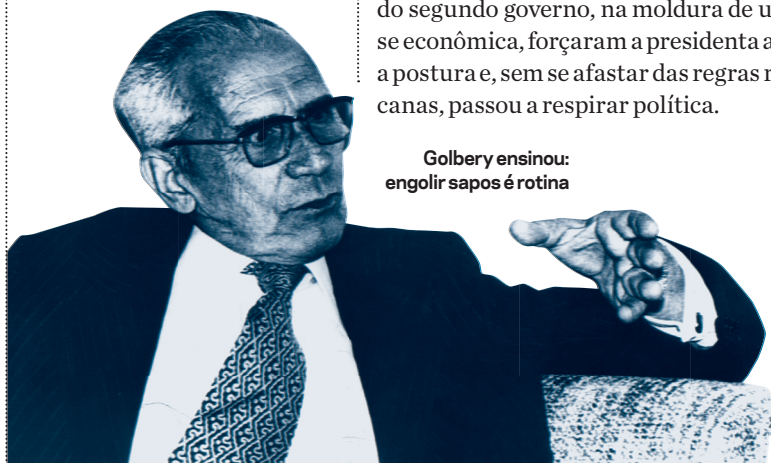
►  **Talvez Dilma Rousseff tenha aprendido a jogar, nas duras situações políticas que as circunstâncias a obrigam a enfrentar**

**H**Á UM RACHA no Legislativo. Só aparentemente nasce da velocidade imprimida por Eduardo Cunha na Câmara e da lentidão de Renan Calheiros no Senado. O primeiro acelera votações e o segundo pisa no freio. É verdade que os dois não são tucanos. Andam, porém, a se bicar.

Ao contrário do que se diz, e do que parece, o tempo não é a razão principal desse choque entre peemedebistas. A situação delineia uma trama política da qual a presidenta é parceira. Surpresa?

Ela mesma. Dilma não perdeu a capacidade de reagir a certas tramas e concessões desnecessárias, as ilícitas, ocorridas à margem do processo político. Mantém esse rigor e, por isso, dificulta sempre a aproximação e a intimidade dela com o mundo político. No entanto, os episódios desses quatro primeiros meses do segundo governo, na moldura de uma crise econômica, forçaram a presidenta a mudar a postura e, sem se afastar das regras republicanas, passou a respirar política.

Golbery ensinou: engolir sapos é rotina



Em palavras mais pobres e, nem por isso menos nobres, aprendeu a engolir sapos. Essa é uma arte também necessária a quem tem poder.

Dizem que o general Golbery do Couto e Silva, um dos pilares do regime de 1964, que ajudou a construir e, a seu modo, a desconstruir a ditadura, tinha sobre a mesa um bibelô. Era a réplica de um sapo. Perguntado certa vez sobre a razão de aquele objeto enfeitar o ambiente, ele teria respondido: “É um monumento ao batráquio desconhecido. Homenagem aos sapos engolidos e outros ainda a engolir”.

Existe regra na arte de engolir sapos. Ela estabelece, por exemplo, o tamanho do batráquio a ser engolido. Isso ocorre conforme o filtro de cada um. Pelo de Golbery, por exemplo, não passou o atentado do Rio Centro (RJ), em 1981. Ele pediu o boné. Pretendia a demissão do comandante do I Exército, o general Gentil Marccondes, e não foi atendido por João Figueiredo.

**Nos quatro anos** do primeiro mandato, quando tudo era bonança, é indiscutível que Dilma procurou manter os aliados em segundo plano. Foi o que fez com o vice-presidente Michel Temer. Isso criou a massa de descontentamento na base aliada com repercussão na eleição presidencial de 2014.

Dilma entendeu não haver possibilidade de saída pela esquerda. E cedeu. Convidou Joaquim Levy para o Ministério da Fazenda e o vice-presidente Michel Temer para conduzir a aproximação dela com o Congresso. Errou?, Acertou? O tempo dirá.

É impossível ficar à margem do jogo político sendo peça-chave na estrutura do poder. Quem joga perde ou ganha. Na Câmara, Cunha diz que o *impeachment* não passa. No Senado, Renan resiste à terceirização. Cada um a seu modo. Decisões favoráveis à presidenta e ao governo dela. Dilma entregou os anéis para não perder os dedos. Talvez erre quem pensa que ela perdeu a caneta.



Requer sejam solicitadas ao Tribunal de Contas da União informações sobre auditorias feitas aos contratos do Grupo Mitsui com a Petrobrás ou qualquer das suas subsidiárias no Brasil ou no Exterior.

## Cunha acuado I

Anda encalacrado o poderoso presidente da Câmara dos Deputados.

Os arquivos digitais de requerimentos de informação sobre contratos da Petrobras com a Mitsui passaram pelo gabinete de Eduardo Cunha.

Seriam requerimentos “de pressão” com objetivos ilícitos através da então deputada Solange Almeida, politicamente íntima de Cunha.

## Cunha acuado II

“Eu não sou obrigado a saber dos requerimentos feitos por outros deputados. Só posso afirmar que eu não fiz”, negou em março de 2014, quando o tema pipocou na Lava Jato, revelado por um dos delatores.

Dados da petição 5.278 do Ministério Público Federal e no inquérito daí derivado foram disponibilizados pela Câmara dos Deputados e foram originados no gabinete de Eduardo Cunha (foto).

Ele agora alega que foi pura generosidade do pessoal do gabinete dele e lançou a suspeita de que a equipe de Tecnologia da Informação da Câmara vazou o requerimento.

## Cunha acuado III

Argumenta o deputado Chico Alencar: “A tentativa de dizer que a redação dos requere-

mentos de Solange Almeida ser originária do gabinete dele foi ‘plantada’ não procede. Qualquer cidadão pode acessar a origem de proposições no site da Câmara”. Não houve “vazamento” algum.

Chico Alencar arremata: “A gestão autoritária e monocrática de Cunha está se evidenciando a cada dia e o descontentamento entre os parlamentares cresce”.

## Renascimento da Justiça I

Tem sido comum a leitura de declarações de policiais e procuradores federais, na Operação Lava Jato, normalmente protegidos pelo anonimato, de que era natural prender antes e julgar depois.

Sustentavam-se numa aberração promovida pelo juiz Sergio Moro.

Eis uma dessas declarações de um dos investigadores, publicada pelo jornal *O Globo*, após a decisão do STF de dar liberdade aos empreiteiros: “Antes a liberdade era um trunfo (...) para convencê-los a falar mais”.

## Renascimento da Justiça II

Eis a resposta aos investigadores dada pelo ministro Teori Zavascki: “Manter a prisão preventiva como mecanismo para extrair do pre-

so uma colaboração premiada, que, segundo a lei, deve ser voluntária (...), constituiria medida medievalesca que cobriria de vergonha qualquer sociedade civilizada”.

A sede de justiça pode levar o sedento a beber água venenosa.

## Udenismo fardado

A privatização do aeroporto de Salvador, anunciada pelo governo, pode esbarrar em problemas na Justiça.

O aeroporto pertencia à Panair do Brasil.

Em 1964, após o golpe, os militares decidiram fechar a companhia. A empresa aérea era do empresário Celso da Rocha Miranda, ligado a Juscelino Kubitschek.

Para isso, entregaram o Ministério da Aeronáutica ao brigadeiro Eduardo Gomes, ícone militar do udenismo.

Sobre isso a família de Rocha Miranda trava uma longa batalha na Justiça.



Eduardo Gomes, rosto de uma prepotência

## Ojabuti de Cunha

Antes que a história caia no esquecimento no país de memória curta, registre-se.

O enxerto na Medida Provisória, patrocinado por Eduardo Cunha, que tentou transformar em desastre natural o incêndio no Shopping Nova América, no Rio de Janeiro, foi rejeitado pela Câmara.

Se fosse aprovado, liberaria 50 milhões de reais do BNDES para a recuperação do imóvel privado, certamente com seguro garantido. Era um jabuti na forquilha.